



SEÇÃO: ARTIGO

O Jeca no laboratório: natureza, ciência e identidade nacional em Monteiro Lobato

Jeca in the laboratory: nature, science and national identity in Monteiro Lobato

Arlindo Ferretti Junior¹

orcid.org/0000-0001-9051-2592
jnferretti@gmail.com

Euler Renato Westphal¹

orcid.org/0000-0002-4891-8692
eulerwestphal@gmail.com

Roberta Barros Meira¹

orcid.org/0000-0001-7739-216X
rbmeira@gmail.com

Recebido em: 1 set. 2020.

Aprovado em: 12 maio 2021.

Publicado em: 9 nov. 2021.

Resumo: O século XX foi marcado pela ascensão do cientificismo nas esferas política, econômica e social. O Brasil havia acabado de se tornar República, e grupos disputavam a importante missão de construir uma nova identidade nacional. Unidos das novas produções mundiais, escritores como Monteiro Lobato estabeleceram contato com relevantes cientistas. Este artigo procura discutir questões relativas à figura do Jeca Tatu como peça fundamental no processo de criação de uma identidade nacional brasileira que faz saltar aos olhos uma cultura rural que se esmaecia com a fúria da ciência e do progresso almejado pelo novo regime político. Para tanto, tratamos das representações do caipira brasileiro feitas pelo autor, principalmente nas páginas de "Urupês" (1914) e "Problema vital" (1918). A análise das fontes revela que o escritor paulista se apropriou das discussões científicas em torno do homem e da natureza brasileira para construir seus projetos de identidade nacional.

Palavras-chave: Monteiro Lobato. Identidade nacional. Ciência.

Abstract: The 20th century was marked by the rise of scientism in the political, economic and social spheres. Brazil had just become a Republic, and groups were disputing the important mission of building a new national identity. Armed with the new world productions, writers like Monteiro Lobato established contact with relevant scientists. This article seeks to discuss issues related to the figure of Jeca Tatu as a fundamental piece in the process of creating a Brazilian national identity, which brings us a rural culture that was fading with the fury of science and the progress sought by the new political regime. To this end, we discussed the author's representations of the Brazilian bumpkin, mainly in the pages of "Urupês" (1914) and "Problema vital" (1918). The analysis of the sources reveals that the Paulista writer has appropriated the scientific discussions around man and Brazilian nature to build his projects of national identity.

Keywords: Monteiro Lobato. National identity. Science.

Introdução

As fontes literárias são testemunhas-chave de seu tempo (NEVES, 1995; SEVCENKO, 1995). Por intermédio das letras, o historiador pode acessar aspectos da realidade histórica na qual os autores se inserem. Embora venha recebendo gradativa atenção do campo acadêmico, esse tipo de fonte possui ainda uma série de informações latentes, como as que dizem respeito, por exemplo, à história da ciência. Assim como outros intelectuais, os literatos assumiram, nos séculos XIX e XX, a visão científica como lente para enxergar o mundo (ORTIZ, 1985; SEVCENKO, 1995).

No caso brasileiro, percebe-se o crescimento de uma visão de progresso que, principalmente com a República, passou a rejeitar as he-



¹ Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, SC, Brasil.

ranças imperiais, sustentando-se em um arroubo modernizador. Partindo dessa compreensão, este texto dedica-se a analisar a produção do escritor paulista José Bento Renato Monteiro Lobato (1882–1948), com o objetivo de desvelar alguns dos imbricamentos que possibilitam narrar parte dos esforços de se construir uma identidade nacional brasileira escorada nos contrastes entre cidade e campo, homem e natureza e ciência e conhecimento popular.

O recorte temporal deste trabalho é marcado pela ascensão do pensamento evolucionista. Deixando de lado a noção de igualdade universal, próprio da tradição humanista cristã (HABERMAS, 2004; TODOROV, 2002), discursos sobre uma suposta hierarquização das raças humanas passaram a ser cada vez mais bem recebidos no seio político. Esses mesmos discursos, que reduzem o ser humano ao *status* de coisa, serviram não só para legitimar a exploração dos continentes africano e asiático, como também foram fundantes na ascensão dos programas genocidas dos séculos XIX e XX.

Imerso nesse cientificismo, Monteiro Lobato assumiu a missão de delinear um projeto de Brasil que fosse viável diante das novas ideias. O escritor, inicialmente pessimista a respeito das potencialidades do homem brasileiro, representado pelo caboclo paulista, encontrou na ciência a provável resolução das problemáticas que assolavam a República recém-nascida. À medida que acatou os conselhos da medicina sanitaria e se converteu ao novo conjunto de crenças da modernidade, o Jeca Tatu² deixou de estar condenado ao atraso e passou a ser tratado como modelo de brasilidade.

Como sintetizou Ginzburg (2004), nenhuma ilha é uma ilha. Isto é, as relações de troca, nos mais variados âmbitos, sustentadas nas conexões internacionais, têm papel fundamental na

formação do pensamento humano. Uma identidade brasileira, para que pudesse se inserir na nova configuração mundial, deveria ser erigida sob o primado da técnica e da ciência, que era o *leitmotiv* da elite técnico-científica ascendente (SEVCENKO, 1995). É nesse sentido que o preconceito e a discriminação adquiriram novas raízes, inspiradas dessa vez nos laboratórios. De fato, a ciência foi vista como a maneira mais segura de alcançar não apenas o progresso material, mas também uma população que se encaixasse nos ideais das teorias raciais.

Lobato manteve relações diversas com alguns dos principais nomes da ciência no país. As cartas trocadas com importantes figuras do círculo eugenista e sanitaria brasileiro revelam alguns dos interesses do autor pela ciência inaugurada pelo cientista inglês Francis Galton (1822-1911). Nota-se também que Renato Kehl (1889-1974),³ um dos principais nomes da Eugenia⁴ no Brasil, prefaciou a obra "Problema vital" (LOBATO, 1956c), lançada primeiramente com apoio da Liga Pró-Saneamento do Brasil e da Sociedade Eugênica de São Paulo. Esse livro ilustra o diálogo que o escritor sustentava com a comunidade científica, contando também com menções elogiosas às ações dos médicos sanitarias Oswaldo Cruz (1872-1917), Artur Neiva (1880-1943) e Belisário Penna (1868-1939).

Considerando os problemas éticos advindos da ascensão da ciência da manipulação genética, o incremento das manifestações públicas de racismo, e a entrada da obra de Monteiro Lobato em domínio público em 2019, entendemos ser importante contribuir com os debates sobre esses temas. A literatura, como expressão artística da vida (CANDIDO, 2006), oferece uma relevante possibilidade de se compreender esse período da história do Brasil. Estudar a obra de Monteiro Lobato pode, como se pretendeu fazer aqui, auxiliar na

² Apesar de "caboclo" e "caipira" serem tratados aqui como equivalentes, pois é dessa forma que aparecem em Lobato, é importante ressaltar que Antonio Candido (2010) diferencia os dois, referindo-se, quanto ao primeiro termo, à constituição racial, mestiça de índio e europeu, e acerca do segundo, à expressão cultural. Nos escritos do sujeito deste trabalho, ambas as palavras dizem respeito ao habitante das regiões de expansão bandeirante. Lobato (2014b) afirma que o Jeca representa o "Piraquara do Paraíba", ou seja, o caboclo que vive às margens do Rio Paraíba do Sul.

³ Renato Kehl foi o fundador da Sociedade Eugênica de São Paulo, em 1918. Médico e farmacêutico, carregava princípios cientificistas que marcaram sua luta por uma sociedade regida por normas mais rígidas de reprodução humana (SANTOS, 2005).

⁴ A Eugenia é uma autointitulada ciência criada com o objetivo de melhorar, segundo seu fundador, "as qualidades inatas de uma raça" (GALTON, 1909, p. 25, tradução nossa). Galton defendia que a reprodução humana passasse pelo crivo científico, impedindo os que ele considerava "inferiores" de se reproduzir, e defendendo o incentivo a reprodução por parte dos "superiores".

ampliação dos debates acerca das relações entre ciência, natureza e identidade nacional brasileira.

1 O homem por trás do texto

José Bento Renato Monteiro Lobato, nascido em 18 de abril de 1882, em Taubaté, no estado de São Paulo, é um dos mais conhecidos escritores brasileiros (IBOBE INTELIGÊNCIA, 2016). Ainda que possua diferentes facetas, é no seu "inconformismo crônico" (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p. 30) que encontramos as motivações não só das críticas ácidas lançadas contra a sociedade brasileira, mas também o seu pioneirismo no campo das obras infantis. "A criança é a humanidade de amanhã" (LOBATO, 1964, p. 249), assegurava, urgindo pela conversão dessa sentença em um axioma sincero. "Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. [...] É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos" (LOBATO, 1961a, p. 104).

Foi por incentivo do seu avô, o Visconde de Tremembé,⁵ que se assentou nas cadeiras da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, embora seu sonho maior fosse tornar-se artista plástico.⁶ Edgard Cavalheiro, biógrafo escolhido pelo próprio literato, sintetiza a passagem de Lobato pela academia de Direito: "Uma conferência, um discurso, meia dúzia de artigos nos órgãos estudantis, e nada" (CAVALHEIRO, 1962a, p. 44). Mas, além do *nada*, começou ali a publicar textos em folhetos e jornais de tiragem irrisória. Ali também, entre uma e outra refeição no Café Guarany, formou algumas das suas mais duradouras amizades. Formado bacharel, passou a trabalhar, em 1907, na promotoria pública da cidade de Areias, no leste do estado paulista (CAVALHEIRO, 1962a).

Com uma vida relativamente estável no pacato interior paulista, consumou sua união matrimonial

com Maria Pureza da Natividade, a Purezinha, sua companheira e mãe de seus quatro filhos: Martha, Edgard, Guilherme e Ruth (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001). Com a morte do avô, em 1911, Lobato abandonou o exercício do Direito e mudou-se para a Fazenda São João do Buquira, recebida como herança. A fazenda localiza-se no município que, em nossos dias, recebe o nome do escritor. Foi nessa empreitada como fazendeiro que o autor começou a consolidar sua produção textual (VALENTE, 2010). Em 1914 publicou no jornal *O Estado de S. Paulo* dois textos centrais para a discussão proposta por este artigo: "Velha praga" e "Urupês" (LOBATO, 2014b), retratos de sua leitura inicial sobre o caboclo. Nesse momento estava decepcionado com o fracasso produtivo de sua propriedade e em 1917 acabou vendendo as terras.

Os textos acima, de viés crítico ao homem brasileiro e sua constituição, demonstram que o autor já se aproximava dos movimentos eugenista e sanitaria que vinham crescendo no país. Sua relação com Renato Kehl, mencionado anteriormente, começa com uma carta de elogios a uma palestra proferida por este último. Na carta, Lobato (1918) descreve o eugenista como "espírito brilhante [...] untado de nobres ideias".⁷ Note-se que nesta palestra proferida em 1917, Kehl (apud SANTOS, 2008, p. 61) defendeu abertamente a "seleção conjugal", alinhado com os fundamentos básicos da Eugenia. O escritor paulista transita por estes e outros temas que tocam o cientificismo ao longo de toda sua obra,⁸ e estas questões são constantemente levantadas em debates públicos sobre seus textos (MENDES, 2012).

O ano de 1918 marcou uma virada na vida de Lobato. Com o dinheiro da venda da fazenda, adquiriu a *Revista do Brasil* e começou os seus empreendimentos na lida editorial. Sob sua gestão, a publicação consolidou-se como

⁵ José Francisco Monteiro (1830–1911), Visconde e Barão de Tremembé, foi fazendeiro e administrador público na região de Taubaté. Era casado com a senhora Maria Belmira de França, mas mantinha diversas relações fora da união. A mãe de Monteiro Lobato, dona Olímpia, era fruto de sua relação com Anacleto Augusta do Amor Divino. A importância política do visconde permitiu que este fornecesse estadia ao Imperador Dom Pedro II, em 1888 (CAVALHEIRO, 1962a).

⁶ Menções ao seu amor pelas belas artes são recorrentes: "Só a pintura me faz esquecer a vida" (LOBATO, 1961a, p. 168).

⁷ As citações respeitam o texto original, incluindo suas irregularidades à luz da ortografia atual.

⁸ É importante notar que o autor esteve sob diversas influências, que escapam do campo puramente científico. Suas conexões com a filosofia de Nietzsche ajudam a compreender um pouco da complexidade do pensamento do autor (Cf. FERRETTI JUNIOR; WESTPHAL; MEIRA, 2020).

veículo de discussões dos mais variados âmbitos, congregando nomes como Oliveira Vianna, Gilberto Freyre e Sérgio Milliet (DE LUCA, 1998). "Sou hoje um dos que decidem do destino das coisas literárias no país" (LOBATO, 1961a, p. 174), escreveu em 1918 ao amigo Godofredo Rangel.⁹ Nessa posição, no entanto, uma intensa carga de trabalho era necessária. Em 1920 escreveu para revelar a saudade que sentia de "lidar com leitões e pintos em vez de homens de letras" (LOBATO, 1961a, p. 217) e, em 1921, também a Rangel, lamentou a falta de tempo para a produção literária (LOBATO, 1961a, p. 231).

A relevância da figura de Monteiro Lobato para o mercado brasileiro de livros é inegável. Fundou o que viria a ser a Companhia Editora Nacional e deu início a um modelo de negócios até então inédito no país: distribuiu livros gratuitamente, forneceu unidades em consignação às livrarias e abriu espaço para autores novatos. Em 1921, mais de 300 vendedores distribuíam as obras editadas pela Monteiro Lobato & Cia. O acervo da empresa contava com milhares de volumes, e a editora, já renomeada para Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, em 1924, era a maior de sua área no país (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001). Apesar da dificuldade de achar tempo para escrever, a máquina de publicar estava agora em suas mãos, e o material que já havia escrito, e que começava a lançar em formato livresco, viria em breve transcender os limites do território nacional.¹⁰ Mas não apenas de edições viveu Lobato.

Sob o governo de Getúlio Vargas, o autor foi preso. A justificativa foi a falta de decoro em uma carta enviada ao presidente. Sua luta em favor da formação de uma indústria nacional do petróleo,¹¹ na qual chegou a investir grandes

somas de dinheiro, fundava-se na preocupação com o futuro do país. O escritor paulista havia atuado, ainda sob o governo de Washington Luís (1926-1930), como adido comercial brasileiro em Nova York. Lá entrou em contato com tecnologias de ponta na extração de petróleo, na indústria automobilística e na produção ferrifera.¹² Para ele, era necessário estimular o desenvolvimento nacional independente, desvinculado do Velho Mundo. Um modelo aproximado do estadunidense, imaginava, seria propício para a ascensão do Brasil ao *ranking* das potências mundiais sérias, principalmente por meio da redução do papel do Estado na economia (LOBATO, 1961b, p. 183).

Nas linhas de Lobato há desde reflexões sobre os métodos de cultivo agrícola, os prejuízos ambientais de certas práticas no campo até a sugestão de caminhos científicos para a resolução de problemas sociais. Contando já com a admiração do público e o respeito de grande parte dos intelectuais nacionais, Lobato foi capaz de popularizar suas leituras de país. Seus livros infantis, aliás, já haviam sido distribuídos até mesmo pelo Estado, nas escolas públicas de São Paulo (ZILBERMAN, 2010). O caráter pedagógico, que pode ser visto também em seus textos para adultos, reforça seu desejo de propagar concepções próprias para o público geral. Nas palavras de Bosi (2003, p. 215), Lobato "empunhou a bandeira do progresso social e mental de nossa gente".

Mas a idade, os problemas financeiros, as discussões políticas e, é possível supor, o profundo desânimo¹³ motivado pelos sucessivos fracassos, acarretados não apenas pela falta de apoio estatal, mas também pela repetida pressão contrária, realizada com a força da máquina pública, reduziram a atuação lobatiana.

⁹ José Godofredo de Moura Rangel (1884-1951) foi juiz, professor, tradutor e escritor brasileiro. Com Monteiro Lobato manteve quatro décadas de correspondências, parcialmente reunidas nos dois volumes de *A barca de Gleyre* (BEDÉ, 2007).

¹⁰ Podemos apontar a presença do autor em espanhol já em 1921, com a tradução de *Urupês* por Benjamin de Garay, como o próprio escritor informou em carta (LOBATO, 1961a, p. 232). Segundo levantamento realizado por Franca (2017), vários de seus livros foram publicados em espanhol, com títulos como *Travesuras de Naricita Respingada*, *Tremendas cacerias de Pedrito* e *Presidente Negro*. No mesmo artigo, Franca (2017) discute as traduções para russo, inglês, alemão, italiano e francês.

¹¹ Para Prado Junior (1955, p. X), Lobato foi um dos poucos "idealistas do progresso material" brasileiros: "O seu pensamento não ficou pairando no mundo dos sonhos e dos projetos e predicas. Transformou-se em ação; e seu ideal de melhorar a sorte do povo brasileiro, de regenerar o seu Jéca Tatú, materializou-se num negócio de grandes expectativas e amplas possibilidades".

¹² A passagem de Lobato pelos Estados Unidos é bastante relevante para compreender a insistência do autor na luta pelos investimentos industriais (LOBATO, 1955).

¹³ "Depois que me vi condenado a 6 meses de prisão, e posto numa cadeia de assassinos e ladrões só porque teimei demais em dar petróleo à minha terra, morri um bom pedaço na alma" (LOBATO, 1961a, p. 336).

As doenças, enfim, chegaram para decretar o seu real definhamento físico. No domingo, 4 de julho de 1948, as rádios brasileiras noticiavam a morte do escritor, afetado por um ataque cardíaco. Já tinha, havia pouco, sofrido um espasmo, que o limitava nas tarefas que mais amava: ler e escrever. "À noitinha ainda é visto na Livraria Brasiliense, cercado de admiradores. Às quatro da madrugada a morte vem buscá-lo. Dormia quando novo espasmo vascular o silenciou para sempre" (CAVALHEIRO, 1962b, p. 253).

O *Correio Paulistano* (1948) do dia seis lamentava o ocorrido em sua primeira página, indicando que o evento veio "privar o país da mais expressiva personalidade de sua literatura contemporânea" (O PASSAMENTO..., 1948, p. 1). *O Estado de S. Paulo* (1948) demonstrava orgulho de ter servido de plataforma para o escritor. No ímpeto de revelar a relevância de sua produção, o artigo traz em seu primeiro parágrafo a constatação da eternização de Lobato: "Coisa estranha, porém: morto o escritor, não sentimos a impressão de sua ausência" (MONTEIRO..., 1948, p. 5). Figura imponente, Lobato consolidou-se, ao longo de sua vida, segundo resume Zilberman (2010, p. 141), como um "escritor de sucesso e empreendedor original, de modo que sua biografia e sua obra transformaram-se, de certo modo, na síntese das opções que o Brasil oferece a seus artistas e intelectuais".

A figura do Jeca, que é abordada neste texto como um símbolo do projeto nacional de Lobato, embora tenha sido desenvolvida no afã do encontro com a realidade rural, ganhou diferentes formas e atribuições ao longo da trajetória do escritor. Atentamos especialmente para sua mobilização, a partir de 1918, na luta pelo saneamento do país, uma vez que, nesse momento, a visão da penúria e da indigência assentadas anteriormente como perpétuas é de certa forma descontinuada pela introdução de uma esperança: a mensagem e o poder salvífico do laboratório. A seguir, por meio da análise de alguns dos textos do autor, procuramos revelar discursos relevantes para a discussão aqui pretendida, na conjugação da ciência, da natureza e da identidade nacional mediante a figura do Jeca Tatu.

2 O lugar em que habita o homem

Na Primeira Guerra Mundial, Monteiro Lobato escreveu um conto denominado de "Bucólica", presente no livro "Urupês" (LOBATO, 2014b). Nesse texto o autor elaborou certa oposição entre natureza e ser humano. Nas linhas se visualiza a elevação dos aspectos naturais, por meio da valorização do ar fresco do campo, ao mesmo tempo em que se percebe um repúdio direcionado à vida nos espaços urbanos. "A gente das cidades", indica o autor, "afeita a sorver um indecoroso gás feito de pó em suspensão num misto de mau azoto e pior oxigênio, ignora o prazer sadio que é sentir os pulmões borbulhantes deste fluido vital em estado de virgindade" (LOBATO, 2014b, p. 110).

Esse "fluido vital", virgem, é preservado pela ausência da interferência antrópica nesse meio. A ideia de natureza livre da ação humana é introduzida pouco antes, quando o autor afirma que a beleza das flores reside mesmo é na ausência da "domesticação do homem". O texto, porém, movimenta-se em direção a um núcleo humano e descamba para o luto pela vida da menina que, desassistida pela mãe, morreu sem ter seu último pedido atendido: um copo de água. Quando os seres humanos aparecem, o belo cenário natural é esmaecido pela crueldade.

Essa oposição entre espaço rural e cidade que o autor constrói nas linhas de vários de seus textos é uma característica importante dele. Campo e natureza intocada parecem contrapor, a todo momento, urbanização e presença humana. Podemos observar esse fenômeno na declaração do protagonista da obra "O presidente negro", que, ao respirar o ar puro, diz:

Notei logo que a natureza não era ali trabalhada. Tudo vivia em estado selvagem, sem sombra de intervenção humana além da impressa nos caminhos. Nem gado nas pastagens, nem sombras de cultura – porteiras ou cercas. Um pedaço de natureza virgem onde o homem só abrisse passagens que lhe dessem o goso das perspectivas naturais (LOBATO, 1956b, p. 138).

Após revelar seu êxtase em encontrar-se em tal cenário, a personagem indica que as características da cidade impediam que os seus habitantes usufruissem uma beleza cândida como aquela.

Vê-se a valorização exacerbada do espaço natural do país, que é retomada em textos de diferentes anos e contextos. Alguns autores, como Keith Thomas (2010, p. 309-312), defendem que a mudança de sensibilidade em relação à natureza em fins do século XVIII ocorreu pela crescente degradação em países altamente cultiváveis e marcados pela crescente urbanização. Nesse momento, a natureza, principalmente selvagem, era fruto de uma devoção quase religiosa, e esses ambientes eram vistos como moralmente benéficos.

No Brasil, o engajamento da ciência em prol da preservação das áreas florestais intocadas ganharia força na virada do século XIX para o XX. Assim como em outros países, a percepção da degradação ambiental crescente, pelo avanço das áreas agrícolas e urbanas, serviria de mote para uma geração que defenderia a racionalização dos usos dos recursos naturais, por conta da percepção de que o patrimônio natural nacional estava em risco.¹⁴ Lobato, por exemplo, foi um dos críticos do uso de gasogênio como combustível automotivo. Dizia ele: a "diminuição das chuvas tem como causa a intensa e extensa derrubada de matas e capoeiras para a produção de lenha e carvão para os gazogênios" (LOBATO, 1961c, p. 54).

A preocupação de Lobato com a preservação do patrimônio natural brasileiro é recorrente em suas obras. Em "Como países se suicidam", o autor afirma: "O desenvolvimento de um país está na função do destino dado às suas reservas naturais" (LOBATO, 1964, p. 198). As reservas naturais devem ser vistas como finitas, e, por isso, continuava: "Temos antes de mais nada que as considerar como um depósito confiado à nossa guarda. Não somos os donos" (LOBATO, 1964, p. 198-199). Conclui o autor: "Se não pertencem a nós, homens do presente, sendo em co-propriedade com as gerações futuras, nossa política deve ser determinada por esse fato" (LOBATO, 1964, p. 199).

Assumir a responsabilidade pela administração consciente dos recursos naturais do país, portanto, era um dever de todos. A percepção de Lobato,

como observam Meira e Carelli (2015, p. 306-307), condiz com o contexto no qual o autor estava inserido. Ao ignorarem o desenvolvimento dos métodos de cultivo, tanto os pequenos quanto os grandes produtores promoviam a redução da disponibilidade de recursos naturais de maneira desproporcional. "Temos que agir como procuradores inteligentes das gerações futuras, salvaguardando-lhes os direitos, harmonizando-os com os nossos" (LOBATO, 1964, p. 199).

As dinâmicas observadas entre a natureza e a população brasileira são anteriores ao século XVIII. Como indica Carvalho (1998), a exuberância da paisagem ganhava a atenção dos que visualizavam essas terras, enquanto as populações se mantinham, geralmente, em segundo plano. Foi entre os séculos XVIII e XX, no entanto, que tal visão passou a ser ainda mais legitimada com base em uma perspectiva científica. Para Buckle (1884), por exemplo, o atraso brasileiro era em razão da abundância natural, que não dava espaço para o progresso do homem. Como aponta Murari (2002), a noção de que populações mestiças eram atrasadas predominava na Europa e tinha grande influência na elite modernizadora brasileira.

Trilhando caminhos análogos, se por um lado Lobato apontava para a importância das riquezas naturais, que considerava fatores positivos à formação do país, rejeitou, em diversos momentos, a utilização de adjetivos positivos em relação aos homens e às mulheres que aqui habitavam. Nesse sentido, apesar de não comumente referir-se ao indígena, Lobato criticou hábitos que o caipira compartilhava com os grupos nativos, como é o caso do modelo de cultivo e da prática da coivara. Como aponta Candido (2010), o modo de vida desses habitantes do interior do Brasil não foi projetado para atender à ânsia do progresso. Alterações muito bruscas em suas estruturas poderiam gerar a dissolução da cultura.

As técnicas indígenas, apropriadas pelos colonos desde os primórdios da colonização, foram pouco modificadas até o século XX. Holanda

¹⁴ Na Primeira República alguns órgãos de gestão e defesa ambiental já haviam sido instituídos. O Decreto legislativo n.º 4.421, promulgado no ano de 1921, que criava o Serviço Florestal do Brasil, visava restringir os males causados pelo desflorestamento. Como destacam Franco e Drummond (2009, p. 68), o projeto de criação do Serviço Florestal contaria com o apoio de importantes acadêmicos do período.

(1944) informa-nos que machado, foice, e enxada, apesar de terem sido implementados em alguns locais, serviam apenas para tornar as técnicas indígenas mais eficazes. O autor lembra, todavia, que não "parece lícito dizer que as ferramentas chegaram a alterar de modo substancial os usos da terra. Em realidade, o sistema de lavoura dos índios revela quase sempre singular perseverança" (HOLLANDA, 1944, p. 168). Essa manutenção das tradições de cultivo, em parte motivada pelas dificuldades financeiras dos produtores, era um empecilho para o projeto dos engenheiros agrônomos e entusiastas da modernização.

Faz-se preciso que se atente, nessa perspectiva, para o fato de que a agricultura intensiva começava a ocupar um lugar de realce nos discursos agrícolas do século XX (MEIRA; CARELLI, 2015). Para as regiões que sofriam com o escasseamento das áreas virgens, o sistema tornava-se cada vez mais atraente. O modelo de coivara, herdado da população indígena, praticamente hegemônico no período dos escritos de Lobato, era questionado por esses agricultores progressistas, que desejavam a introdução das novas técnicas de cultivo na lavoura espelhadas nos modelos europeu e norte-americano.¹⁵

É a questão das queimadas que inaugura "Velha praga": "Se lá fora o fogo da guerra lavra implacável, fogo não menos destruidor devasta nossas matas" (LOBATO, 2014b, p. 163). O texto, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* em 1914, estabelece o autor como mente relevante nas discussões sobre o diagnóstico nacional (VALENTE, 2010). O embate entre homem e natureza é suscitado aqui. Quando descreve o modo de vida desses grupos, o autor procura revelar a ortodoxia pela qual o caboclo segue "a lei do menor esforço". Não há nada que faça o caipira abandonar o seu costume de viver satisfeito e conformado com a mera sobrevivência.¹⁶

Lobato (2014a, p. 164) tece suas críticas ao caboclo, entendendo-o como "um piolho da terra", que afetava a natureza brasileira, sugando dela toda sua força e beleza por meio das queimadas.¹⁷ Lembramos que a defesa da ideia de uma natureza dadivosa acabaria por reforçar a visão de degeneração da população. A natureza foi transformada em um dos principais pilares dos discursos sobre a identidade nacional, em seus diversos momentos de construção. Ainda que houvesse, todavia, uma valorização do espaço natural e uma nova postura no que se refere à natureza, a degradação ambiental continuou intensa (ARRUDA, 2006, p. 2).

É importante apontar que Lobato não restringia suas críticas aos caipiras. Antes mesmo de escrever seus textos mais famosos a respeito do morador das terras interioranas, direcionou duras críticas aos grandes fazendeiros cafeicultores. Estes também utilizavam uma exploração predatória do espaço rural, além de fomentar o que o autor chama em sua obra de "onda verde", um processo de transformação da paisagem brasileira pela expansão da produção do café extremamente agressiva à natureza. Além disso, outro problema, na perspectiva do autor, era o conseqüente abandono das cidades formadas para fornecer serviços à demanda dessa produção. "A onda verde" (LOBATO, 1956a) deixaria como rastro uma série de "Cidades mortas" (LOBATO, 2014a).

Do Rio de Janeiro ao oeste paulista, a produção nômade de café resultaria na substituição da grandiosidade natural pela instituição da produção agrícola voraz: "Sua ambição feroz preferia a beleza da desordem natural a beleza alinhada da árvore que dá ouro. [...] Mas a árvore do ouro só produz à custa do sangue da terra" (LOBATO, 1956a, p. 4-5). A beleza, antes virgem, da natureza intocada, era repetidamente devastada pela ação do homem brasileiro. Em meio a esse conflito,

¹⁵ August de Saint-Hilaire é um dos críticos do modelo adotado no Brasil. Ainda que com algumas exceções, diz ele, "todo o systema de agricultura brasileira é baseado na destruição das florestas, e onde não ha mattas não existe lavoura" (SAINT-HILAIRE, 1938, p. 173). Uma descrição do processo da coivara pode ser encontrada no artigo "Instruções para os imigrantes", de Capistrano de Abreu (2016).

¹⁶ É interessante notar que, como indica Monteiro (1994, p. 136), um olhar atento para a utilização da mão de obra indígena pelos europeus permite sugerir que a aversão aos trabalhos manuais é uma característica que, apesar de atribuída de forma pejorativa aos nativos, se revela componente do comportamento dos próprios colonos europeus.

¹⁷ Prefaciando o livro de Paulo Pinto de Carvalho, *Aspectos de nossa economia rural*, Lobato (1961c, p. 55) descreve o que seus olhos viam ao observar o país: "Escravos andrajosos e roídos de todas as doenças endêmicas: o homem rural, o que chamamos caboclo, o negro da roça, os milhões de seres sem voz que na terra mourejam numa agricultura ainda de índio – queimar e plantar, só, só, só".

seria necessário que providências fossem tomadas, a fim de reaproximar o caboclo da harmonia com o ambiente em que estava inserido.

3 O Jeca Tatu

Os contos reunidos em "Cidades mortas" revelam algumas das experiências do autor no interior. Nos textos que escreveu em Areias, como "A vida em Oblivion" e "Vidinha ociosa", de 1908, e "Júri na roça", do ano seguinte, descreveu a simplicidade e a ignorância que reinavam no município. "Em Pedro Pichorra", de 1910, já delineava a figura do morador dessas bandas, para quem receber a faca de ponta era "um diploma de virilidade" (LOBATO, 2014a, p. 226). Todavia, foi nos textos que produziu com base em suas experiências na Fazenda Buquirá que um diagnóstico do Brasil começou a se tornar mais claro em suas linhas.

O escritor encontrou muitas dificuldades como fazendeiro. Apesar de motivado a tornar o terreno produtivo, Lobato sofreu com o mal que vinha criticando. Nas palavras de Cavalheiro (1962a, p. 123), a fazenda, "como todas as demais da zona, está em decadência. Terras cansadas, exauridas por um processo rudimentar de agricultura, pouco produzem". Essa é a motivação central do texto "Velha praga", mencionado anteriormente. Para ele, o país sofria com um "funesto parasita da terra [...], o caboclo, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização" (LOBATO, 2014b, p. 165).

Em menos de dois meses o autor publicaria "Urupês". Nomeando o "parasita", descreveu o Jeca Tatu, aquele que, entre as diferentes raças nacionais, se encontrava a "vegetar de cócoras, incapaz de evolução, impenetrável ao progresso" (LOBATO, 2014b, p. 171). "Morreu Peri", afirmava, "esboroou-se o balsâmico indianismo de Alencar" (LOBATO, 2014b, p. 169). Quem aparecia agora não era mais o nativo idealizado: "Contrapôs-lhe a cruel etnologia dos sertanistas modernos um selvagem real, feio e brutesco, anguloso e de-

sinteressante, tão incapaz, muscularmente, de arrancar uma palmeira, como incapaz, moralmente, de amar Ceci"¹⁸ (LOBATO, 2014b, p. 172). Aqui Lobato desdenhava da evolução da utopia indianista, apontando para a tragicômica adoração literária da ideia de "raça cabocla". Para ele, essa noção era fruto da literatura de gabinete.¹⁹ "Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!" (LOBATO, 2014b, p. 172).

As críticas direcionadas ao Jeca são uma combinação da decepção com o fracasso produtivo e da mentalidade modernizadora e progressista, que via nos métodos tradicionais, como já afirmado, um sinal do atraso do país. Indica Cavalheiro (1962a, p. 145) que, para "seu criador, o Jeca Tatu era a mais pura expressão de tôdas as qualidades negativas do ser humano. Dêle nada se salvava. Nem o corpo, nem o espírito". Se, para Euclides da Cunha, José de Alencar e Lima Barreto, havia força na figura do morador do interior, para Lobato ele era a fraqueza, o piolho da terra que prejudicava o país. A esperança ressurgiu quando as ciências da saúde se mostraram capazes de alterar essa situação. O Brasil tinha agora, aos olhos do autor, uma nova chance: bastava se entregar à nova religião.

4 A redenção do Jeca

A associação de Lobato ao crescente pensamento científico é perceptível em sua biografia. Como lembra Cavalheiro (1962a), o autor fez companhia ao médico Artur Neiva em uma visita à Ribeira do Iguape. Essa localidade reapareceu nos artigos publicados em *O Estado de S. Paulo*, posteriormente reunidos na obra "Problema vital". Na visita, Lobato entrou em contato com uma população doente que estava sendo tratada por Neiva. "Nada de pedir à retórica à política, ou à etnografia, explicações que nada explicam" (LOBATO, 1956c, p. 304), afirma. "Mudemos de rumo. Peçamos opinião da ciência experimental e a parasitologia no-la dará sinceríssima" (LOBATO, 1956c, p. 304).

¹⁸ O romance de José de Alencar referenciado por Lobato traz a figura de Peri, indígena aimoré que se apaixona por Cecília, filha de um fidalgo português. O rapaz realiza diversos feitos heroicos – entre eles, a improvisação de uma canoa por meio de uma palmeira arrancada manualmente da terra – e opõe-se à própria tribo para salvar a moça (ALENCAR, 1996).

¹⁹ Por "literatura de gabinete" e "bacharelise onipotente" (mencionada nas próximas páginas), Monteiro Lobato direciona-se aos que procuravam pensar o Brasil munidos de seus diplomas e sentados em seus escritórios, sem conhecer a realidade social. Sobre os bacharéis, encontramos críticas também em Holanda (1999) e Gilberto Freyre (1936). Nas palavras de Freyre (1936, p. 313), o bacharelado "era um novo poder aristocrático que se levantava, envolvido nas suas sobrecasacas e nas suas becas de seda preta".

Na obra, o autor declara: "Iguape é o Brasil. Descontadas as zonas vivas, criadas ou revigoradas pelo afluxo do sangue europeu emigrado, o Brasil é Iguape" (LOBATO, 1956c, p. 303). Se nesse trecho o autor apontava para a superioridade europeia, pouco depois equiparou o homem brasileiro ao europeu, afirmando, no entanto, que ao nacional faltava ativar sua potencialidade interior. Em um revés, posicionava-se agora contra a importação da mão de obra, defendendo a viabilidade econômica dos brasileiros: "O caipira não 'é' assim. 'Está' assim" (LOBATO, 1956c, p. 285). De fato, já em 1917, em carta a Rangel, o autor afirmaria ter "virado a casaca", indicando que "o Jéca Tatú é a única coisa que presta neste país" (LOBATO, 1961a, p. 160).

Os títulos dos artigos reunidos em "Problema vital" revelam o cenário que os relatórios médico-sanitaristas descreviam: "Dezessete milhões de opilados", "Tres milhões de idiotas", "Dez milhões de impaludados". Cabe salientar que Monteiro Lobato não é o primeiro a fazer um diagnóstico desse tipo sobre os moradores do interior. Viajantes do século XIX, como Francis Castelnau (1949), Thomas Lindley (1969) e Saint-Hilaire (1938), por exemplo, descreveram a condição lastimável da saúde da população. Nesse mesmo sentido, relatórios de expedições brasileiras reforçavam a dura situação nacional. Exemplos disso são os relatórios do então coronel Candido Rondon (2016), de 1907, e dos médicos sanitarristas Belisário Penna e Artur Neiva: "Os sertões que conhecemos [...] são pedaços do purgatório, como nol'ô pintam os padres, onde se purgam os pecados em vida" (NEIVA; PENNA, 1916, p. 222).

Stepan (2004) indica que a ciência sanitária gozava, no início do século XX, de um *status* privilegiado no campo intelectual, principalmente por conta do sucesso das ações de Oswaldo Cruz. Dessa forma, relatórios como o de Neiva e Penna tinham um papel legitimador para as empreitadas no campo da saúde pública. O trabalho do que é hoje a Fundação Oswaldo Cruz, em Manguinhos, servia de estímulo para "o crescimento de uma classe médica e profissional de orientação científica cada vez mais visível e integrada nas

organizações federais e estaduais encarregadas da elaboração de políticas" (STEPAN, 2004, p. 337). Nesse momento, portanto, Cruz tornou-se referência para que Lobato enxergasse o caminho da redenção: "Manguinhos já fez mais pelo Brasil do que um século inteiro de bacharelise onipotente. A salvação está lá" (LOBATO, 1956c, p. 244).

Nessa perspectiva, Lobato retoma uma expressão utilizada em "Velha praga", mas dessa vez troca o "caboclo" pelo "amarelado", reafirmando mais uma vez a mudança de postura, dando a entender que é possível, mediante ações que melhorem as condições ambientais dos indivíduos, garantir a superação do estado dessa criatura "incapaz de ação, incapaz de vontade, incapaz de progresso" (LOBATO, 1956c, p. 233). É nessa direção também que se dá a sua crítica ao consumo de álcool, pois o caipira só consome o álcool porque procura por intermédio dele esquecer-se da miséria em que se encontra (LOBATO, 1956c, p. 254). Urge uma luta contra a pobreza, que seria retomada pelo autor em textos posteriores, mas que serve de indicativo para que se note a importância que Lobato dá ao meio para o desenvolvimento dos indivíduos.

O escritor ainda mantém sua oposição aos deterministas em outro texto, que no livro é intitulado "As grandes possibilidades dos países quentes". Nele, rejeita as teorias correntes de que o clima quente reduz a qualidade da composição humana. De acordo com Lobato, o fato de grandiosas e plurais formas de vida existirem em sua máxima exuberância é prova incontestável da capacidade de se desenvolver, nos países tropicais, uma população sem degenerescências. Contrariando a perspectiva do evolucionismo social, que propunha que as sociedades selvagens evoluem para sociedades urbanas, a exemplo da Europa, o autor vê a civilização como raiz da crise de desenvolvimento da espécie humana.

"O homem, com civilizar-se, afastou-se da natureza" (LOBATO, 1956c, p. 325), escreveu. Tudo o que "a palavra civilização enfeixa, é, biologicamente, transvio – e transvio destruidor da defesa natural do corpo" (LOBATO, 1956c, p. 325). As roupas, as habitações, o regime alimentar, a facilidade do

transporte, tudo isso contribuiu para o enfraquecimento da humanidade. Assim, esclarece o autor, apenas pela ação da ciência da higiene é que o homem dos trópicos poderá defender-se das ameaças do ambiente. A higiene é, portanto, afirmada como *conditio sine qua non* da constituição do Brasil como berço de uma civilização.

O conto que fecha o livro é uma síntese da visão do novo homem: "Jéca Tatú: a ressurreição". Nota-se aqui que Lobato faz uso de uma linguagem religiosa, adornando a ciência com uma aura sobrenatural. O texto narra a vida de um caipira que conhece a ciência e sai do estado de ostracismo no qual estava aprisionado desde tempos imemoriais. Aquele Jeca é a representação da população brasileira que deveria, na visão do autor, entregar-se aos braços das novas descobertas. "Daqui por diante nha Ciencia está dizendo e Jéca está jurando em cima!" (LOBATO, 1956c, p. 334). Além de recuperar-se de suas dores e da preguiça, o novo Jeca, alcançado pelo evangelho científico, agora "só pensava em melhoramentos, progressos, coisas americanas" (LOBATO, 1956c, p. 337). O capítulo é fechado com um conselho às crianças, para que, quando crescerem, imitem o Jeca.

Como aponta Silveira (2005, p. 194), "Problema vital" é uma obra de "forte apelo à ação, marcada pela crença em um projeto de regeneração nacional" que visava oferecer uma alternativa viável aos custos e desafios da imigração, revelando que, mediante o potencial inato do brasileiro, seria possível transformar o país. Esses contos, de fato, revelam uma militância anunciada pela renovação da raça nacional. Ao compor essa apologia das políticas de saneamento, Lobato visualizava o caminho que poderia levar o país ao progresso. Era o verdadeiro serviço à pátria e à humanidade: "Programa patriótico, e mais que patriótico, humano, só ha um: sanear o Brasil" (LOBATO, 1956c, p. 245). Clamando pela renúncia do bacharel e pela ascensão do higienista, para ele "a questão posta era sanear ou perecer. Era preciso agir sobre os fatores disgênicos, encarregados de minar as

forças do povo brasileiro" (SILVEIRA, 2005, p. 196).

Em uma última metamorfose do caboclo, Lobato publicaria, em 1947, "Zé Brasil" (LOBATO, 1964, p. 328-336). A imagem do caipira, outrora desenhada em "Urupês" e ressignificada em "Problema vital", agora era incorporada mais diretamente à crítica política. Esse curto texto, publicado no ano que antecedeu a morte do autor, defendia a liberdade de pensamento e manifestação, posicionando-se principalmente contra a perseguição do Partido Comunista Brasileiro e em favor de Luís Carlos Prestes.²⁰ As questões centrais são a pobreza e a concentração de terras, pautas do partido relegado à clandestinidade.

Já em *O escândalo do petróleo e do ferro*, o autor apontava para uma única solução capaz de resolver os problemas nacionais: "Enriqueça-se a mais miserável família de jécas que vive lá num fundão malarico do Amazonas [...]. Os doentes se curarão, os descalços se calçarão, os iletrados se educarão, e o país se verá acrescido de energicas unidades positivas" (LOBATO, 1955, p. 248). Unindo-se aos textos anteriores, "Zé Brasil" e *O escândalo do petróleo e do ferro* não são, como também não são as outras referências ao caboclo após "Urupês", apenas um diagnóstico da situação nacional. Fugindo de certos determinismos, Lobato buscava, mais do que constatar, solucionar a miséria nacional.

5 "Jeca sou eu"

Como vimos, o Jeca Tatu tem lugar, para Lobato, entre o pessimismo e a esperança. Nesse espaço há outro aspecto relevante da caracterização dessa personagem na obra do autor, que se expõe claramente no título de *Idéias de Jeca Tatu* (LOBATO, 1951). Quem seria o Jeca, cujas ideias estariam reunidas nessa obra, senão o próprio Lobato? Os textos presentes no livro chamam a atenção porque neles é perceptível a preocupação com matérias nacionalistas, marcadamente as de cunho artístico. Aqui podemos encontrar a

²⁰ Nascido em 1898 e falecido em 1990, foi um político gaúcho associado ao Partido Comunista Brasileiro. Da mesma forma que se relacionava com a doutrina comunista, Lobato mantinha diferentes percepções a respeito de Prestes. Cavalheiro (1962b) aponta para a decepção lobatiana com a aliança entre o comunista e Getúlio Vargas. Mesmo decepcionado, viu com indignação as restrições autoritárias à liberdade de pensamento, como se percebe no texto em questão.

famosa crítica do autor a Anita Malfatti,²¹ publicada em 1917, no jornal *O Estado de S. Paulo*. Ao longo dos outros escritos concentrados nessa coletânea, encontram-se ataques à apropriação acrítica dos conteúdos estrangeiros, bem como sugestões de possíveis sementes para um verdadeiro estilo brasileiro (LOBATO, 1951).

No artigo "A questão do estilo", o autor tece uma ácida descrição dos membros da elite brasileira, que costumavam "meter na cabeça uma cartola velha, enfiar a casaca, atochar os pés num botinão e virem para a rua crentes de que o público os confundirá com puros parisienses" (LOBATO, 1951, p. 31). O Brasil deveria construir seu próprio estilo, filtrando sua história com uma peneira filha da terra. Só assim teríamos, por fim, uma estética "pura de plágio, da copia servil, do pastiche deleterio" (LOBATO, 1951, p. 34). A defesa da independência moral e cultural do país foi reafirmada também em outras oportunidades, para além desses textos.

Após a publicação de "Urupês", Lobato angariou uma legião de admiradores. Recebeu homenagens em diversas ocasiões, mas foi no banquete oferecido a ele em sua cidade natal, Taubaté, que admitiu: "Sem farsa o confesso, Jeca sou eu" (LOBATO, 1964, p. 90). Em outra oportunidade, o Jeca é posicionado como representante da verdadeira cultura nacional:

Temos duas civilizações, ou melhor, duas "culturas": uma cultura importada, dos que vivem nas cidades, sabem ler e escrever e até livros escrevem! E a "cultura local", filha da terra como um cogumelo é filho dum pau podre,²² desenvolvida pelos homens do mato – o caboclo, o caipira, o jéca, em suma (LOBATO, 1961c, p. 29).

Um dos sinais dessa cultura nativa é a língua livre das interferências dos manuais. Não sabendo ler ou escrever, o Jeca pode evoluir seu português sem se preocupar com a "Academia de Letras".

"Quem condena como coisa 'errada' o modo de falar ou a língua do jéca, revela-se curto de miolos" (LOBATO, 1961c, p. 32), diz ele. "Os modos de variação duma língua são fenomenos naturais, e não ha erro nos fenomenos naturais. Erro é coisa humana" (LOBATO, 1961c, p. 32).

O país dos bacharéis, dos homens da cidade é, para Lobato (1964, p. 101), "colônia mental da França" e, como uma espécie de "Senegal antártico", é dominado pelas palavras francesas: "Nossas mulheres são *madames*, nossas filhas *milles*, nossas estações, *gares*, nosso escol *élite*, nossas maletas, *valises* (LOBATO, 1964, p. 101, grifo do autor). O Jeca surgiu nesse cenário, então, como herdeiro da raça bandeirante:²³ "O Brasil ainda é o caboclo, empunhando o machado e o facho incendiado na luta, arca por arca, contra a hispidez envolvente para que nas clareiras entreabertas tome assento a civilização" (LOBATO, 1951, p. 58). No epílogo de seu "Inquerito" sobre o Saci-Pererê,²⁴ é categórico ao escrever que o "Jeca é a única afirmação de individualidade não laivada de ridicularias que possuímos" (LOBATO, 1998, p. 172).

Considerações finais

As diferentes visões lobatianas sobre o caboclo revelam pelo menos uma permanência: a ausência de uma integralidade do ser brasileiro. Em um dos textos de "Problema vital", o autor sintetiza o pensamento dominante: "Falimos como povo, como raça – e falimos moral, intelectual e fisicamente" (LOBATO, 1956c, p. 259). A falência generalizada impede que qualquer ideal de identidade nacional possa emergir. Para superar esse estado caótico, indica o autor, uma única solução: "Restaurai a saúde do povo" (LOBATO, 1956c, p. 264). Quando não está de cócoras e imóvel, como ocorre em "Urupês", o Jeca ainda precisa tomar a decisão de aderir aos ensinamentos da soberana ciência.

²¹ Lobato comparou as produções de Anita Malfatti a caricaturas, em um discurso que exigia da artista que tomasse uma posição brasileira e deixasse de imitar as escolas europeias. Nota-se que a qualidade artística da pintora não foi, em si, questionada. O alvo era a sua conexão com um modernismo que não se enquadrava nos projetos de uma estética nacional defendida pelo escritor.

²² Expressão que faz referência ao urupê, que é o fungo *Pycnoporus sanguineus*, também chamado de orelha-de-pau.

²³ "A raça dos bandeirantes é a mesma do Jéca Tatú" (LOBATO, 1956c, p. 306). Vê-se que o Jeca representa o brasileiro na medida em que representa São Paulo.

²⁴ Tal empreitada lobatiana revela-nos indícios do nacionalismo do autor. Propondo a substituição das lendas estrangeiras, que alcançavam os leitores brasileiros, Lobato buscou reunir relatos e descrições de uma das mais famosas personagens do folclore nacional. Por meio de *O Estado de S. Paulo*, o autor anunciava, em 1917, um inquerito sobre o Saci-Pererê, lançando-se como um pesquisador da cultura popular (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p. 68).

O homem brasileiro é um projeto, portanto, e não um fato. Mas não era dessa forma por falta de condições naturais. Ao passo que hesitava em aceitar o Jeca como ele era, Lobato exaltava a natureza brasileira e as benesses do clima quente para o extravasamento da vida. Contrariando os que consideravam as regiões tropicais inferiores por conta da ação climática, bradava que "a vida é filha do calor" e, por isso, na Região Sul do mundo ela pode alcançar "seu esplendor máximo, apogeu de força e beleza" (LOBATO, 1956c, p. 324).

Era por garantir a ampla propagação da vida, por sua fertilidade, que a natureza brasileira oferecia ao Jeca uma variedade de inimigos microscópicos e poderosos: os parasitas, que lhe retiravam as forças e o ânimo, fazendo com que fosse necessário importar mão de obra para atender às demandas econômicas do século XX. A submissão às novas descobertas e aos procedimentos médico-sanitários era a solução para o ferrenho embate que deixava milhões de brasileiros no ócio e possibilitava, assim, a superação dos obstáculos para o progresso.

Se a Europa serviu como modelo durante o Império, os Estados Unidos transformaram-se nos novos inspiradores de uma sociedade ideal durante a República. Diferentes percepções sobre a natureza e a população superaram os limites territoriais da América do Norte e do Velho Mundo. Essas novidades marcaram fortemente as falas de literatos, estadistas e de uma elite técnico-científica em ascensão. Antes mesmo de Monteiro Lobato, Machado de Assis (1994), em 1879, havia destacado que "a nova geração frequenta os escritores da ciência, não há poeta digno deste nome que não converse um pouco, ao menos, com os naturalistas e filósofos modernos" (ASSIS, 1994, p. 810).

Nesse sentido, a adesão aos movimentos médicos e higienistas do início do século era fundamental para as ideias defendidas por Lobato. A população doente precisava ser curada para que o organismo nacional pudesse recuperar-se dos anos de atraso amalgamados na preguiça do Jeca. Apesar de contaminada por parasitas,

que em "Problema vital" são os determinantes do comportamento e do modo de vida do caboclo, a população brasileira poderia superar as dificuldades. Para isso, era necessário que atendessem ao chamado da higiene e do sanitarismo. Uma renovação do corpo nacional mostrava-se fundamental para qualquer avanço do país, e era por meio da ciência que esse processo poderia acontecer. Mesmo que a Eugenia fosse tema de interesse do autor, não encontramos uma defesa consistente de seu uso prático, senão em obra de ficção científica (FERRETTI JUNIOR; WESTPHAL, MEIRA, 2020). A eliminação da doença física de cada brasileiro resultaria na cura do organismo de dimensões continentais, que é o Brasil. Como observa no texto "A ressurreição", "o verdadeiro sábio não emite opinião: consulta o laboratório e repete o que o laboratório diz, sem enfeite nem torção" (LOBATO, 1956c, p. 229).

O papel redentor que a ciência assumiu, portanto, transcendia a esfera da saúde pública. Era pela ação da cura científica que o contingente de imigrantes poderia ser reduzido, já que o homem brasileiro é igual ao europeu. Entre as muitas facetas assumidas por Lobato, que defenderia também a educação de qualidade, o combate à pobreza e a construção de um parque industrial sólido no país, é perceptível o projeto de uma nacionalidade fundada no laboratório, com base no conhecimento científico. Caminhar em direção a uma nacionalidade era acatar as orientações dos sacerdotes de jaleco branco.²⁵ O apelo, assim, para que o Jeca se tornasse renovado, modelo a ser seguido, sugeria um ideal de brasileiros que dificilmente poderia corresponder a uma parcela significativa da sociedade nacional, lançada à periferia, vivendo na miséria, em meio aos microrganismos danosos.

O ideal do caboclo como representante da nação brasileira, portanto, fundava-se na esperança de uma personagem que iria, no futuro, revigorar-se, deixando o "velho homem", e, no espírito da nova religião, voltar-se às "boas novas" da ciência e do progresso. Sejam quais forem as obras de Lobato observadas, os crescentes nós

²⁵ Expressão utilizada por Westphal (2006) em sua análise sobre os aspectos religiosos e dogmáticos das ciências moderna e pós-moderna, bem como sobre o paradigma totalizante da lógica materialista adotada pela medicina.

tecidos entre a ciência, os homens e a natureza são expostos como pontos valiosos no processo de tessitura da identidade nacional. Todavia, no modelo ideal de país, algumas memórias, cores e culturas deveriam assumir outros padrões na trama do tecido social interpretado pelo escritor.

Referências

ABREU, Capistrano de. Instruções para os Imigrantes. *Trajeto*, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 11-29, 5 jul. 2016. Disponível em: <http://www.revistatrajetos.ufc.br/index.php/Trajeto/article/view/93>. Acesso em: 25 jan. 2019.

ALENCAR, José de. *O Guarani*. 20. ed. São Paulo: Ática, 1996.

ARRUDA, Gilmar. O chão de nossa história: natureza, patrimônio ambiental e identidade. *Patrimônio e Memória*, Assis, v. 2, n. 2, p. 110-125, 2006.

ASSIS, Machado de. A nova geração. In: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 809-836.

AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Marcia; SACHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Boto-cúndia*. 3. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001.

BEDÊ, Ana Luíza Reis. *Monteiro Lobato e a presença francesa em A barca de Gleyre*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2007.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 41. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

BUCKLE, Henry Thomas. *History of Civilization in England*. Nova York: D. Appleton and Company, 1884. v. 1.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CARVALHO, José Murilo de. O motivo edênico no imaginário social brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n. 38, out. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-69091998000300004-&lng=en&nrm=iso&tlng-pt. Acesso em: 3 jun. 2018.

CASTELNAU, Francis. *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962a. v. 1.

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962b. v. 2.

FERRETTI JUNIOR, Arlindo; WESTPHAL, Euler Renato; MEIRA, Roberta Barros. *Vade tecum: enlaced eugenistas entre Monteiro Lobato e Friedrich Nietzsche*. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 212-226, jul./dez. 2020.

DE LUCA, Tânia R. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

FRANCA, Vanessa Gomes. Nosso Jeca e nossa Emília vão ao exterior. *Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social*, Assis, v. 6, p. 40-57, 24 out. 2017.

FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto. *Proteção à natureza e identidade nacional no Brasil anos 1920-1940*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: Decadência do Patriarchado Rural no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. Edição ilustrada.

GALTON, Francis. *Essays in Eugenics*. Londres: The Eugenics Education Society, 1909.

GINZBURG, Carlo. *Nenhuma ilha é uma ilha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HABERMAS, Jurgen. *O futuro da natureza humana: a caminho de uma eugenia liberal?* São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1944.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

IBOPE INTELIGÊNCIA. *Retratos da Leitura no Brasil, n. 4*. São Paulo: IBOPE, 2016. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/imagens/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf. Acesso em: 10 ago. 2019.

LINDLEY, Thomas. *Narrativa de uma viagem ao Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961a. v. 2.

LOBATO, Monteiro. *A onda verde*. In: LOBATO, Monteiro. *A onda verde e o presidente negro*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956a. p. 3-124.

LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas*. In: LOBATO, Monteiro. *Contos Completos*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014a. p. 191-338.

LOBATO, Monteiro. *Conferências, artigos e crônicas*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964.

LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Renato Kehl. Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD-COC. 6 abr. 1918.

LOBATO, Monteiro. *Entrevistas*. In: LOBATO, Monteiro. *Prefácios e Entrevistas*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961b. p. 135-289.

LOBATO, Monteiro. *Epílogo*. In: LOBATO, Monteiro. *O Sacy-Perêre: resultado de um inquérito*. Rio de Janeiro: Gráfica JB S.A., 1998. p. 167-173.

LOBATO, Monteiro. *Idéias de Jeca Tatu*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1951.

LOBATO, Monteiro. *O escândalo do petróleo e do ferro*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1955.

- LOBATO, Monteiro. O presidente negro. In: LOBATO, Monteiro. *A onda verde e o presidente negro*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956b. p. 125-324.
- LOBATO, Monteiro. Prefácios. In: LOBATO, Monteiro. *Prefácios e Entrevistas*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961c. p. 3-134.
- LOBATO, Monteiro. Problema vital. In: LOBATO, Monteiro. *Mr. Slang e o Brasil e problema vital*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956c. p. 223-329.
- LOBATO, Monteiro. Urupês. In: LOBATO, M. *Contos Completos*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014b. p. 37-191.
- MEIRA, Roberta Barros; CARELLI, Mariluci Neis. Notas sobre florestas no Brasil da Primeira República: silvicultura, preservação da natureza e agricultura. *Fronteiras, Goiânia*, v. 4, n. 1, p. 301-312, jul. 2015.
- MENDES, Priscilla. Mais uma obra de Monteiro Lobato é questionada por suposto racismo. In: *G1*. Brasília, 25 set. 2012. Educação. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/09/mais-uma-obra-de-monteiro-lobato-e-questionada-por-suposto-racismo.html>. Acesso em: 11 jan. 2021.
- MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MONTEIRO Lobato. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 5, 6 jul. 1948.
- MURARI, Luciana. *Tudo o mais é paisagem: representações da natureza na cultura brasileira*. 2002. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-24042007-111238/>. Acesso em: 25 jan. 2019.
- NEIVA, Arthur; PENNA, Belisario. Viagem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 74-224, 1916.
- NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. Crônica da história. In: NEVES, Margarida de Souza; RESENDE, Beatriz (org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio/CCBB, 1995. p. 15-31.
- O PASSAMENTO de Monteiro Lobato. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1-2, 6 jul. 1948.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PRADO JUNIOR, Caio. Prefácio. In: LOBATO, Monteiro. *O escândalo do petróleo e do ferro*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1955. p. X-XVI.
- RONDON, Candido Mariano da Silva. *Relatório da Comissão Rondon: estudos e reconhecimentos: Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2016.
- SANTOS, Alessandra Rosa. *Quando a Eugenia se distancia do Saneamento: as ideias de Renato Kehl e Octávio Domingues no Boletim de Eugenia (1929-1933)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2005.
- SANTOS, Ricardo Augusto dos. O manifesto eugenista. In: PENNA, Antonio Gomes (org.). *Manifestos Políticos do Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2008. p. 53-63
- SAINT-HILAIRE, Augusto de. *Viagem pelas Províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. v. 1.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SILVEIRA, Éder. Sanear para integrar: a cruzada higienista de Monteiro Lobato. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 181-200, 31 dez. 2005. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/1332>. Acesso em: 17 abr. 2019.
- STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (org.). *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004. p. 331-391.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- TODOROV, Tzvetan. *Imperfect garden: the legacy of humanism*. Princeton: Princeton University Press, 2002.
- VALENTE, Thiago Alves. *Monteiro Lobato nas páginas do jornal: um estudo dos artigos publicados em O Estado de S. Paulo (1913-1923)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/sx48d>. Acesso em: 18 ago. 2018.
- WESTPHAL, Euler Renato. *Brincando no paraíso perdido: as estruturas religiosas da ciência*. São Bento do Sul: União Cristã, 2006.
- ZILBERMAN, Regina. Monteiro Lobato e suas fases. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [S. l.], n. 36, p. 141-152, 2010.

Arlindo Ferretti Junior

Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville (Univille), em Joinville, SC, Brasil; e historiador licenciado pela mesma instituição.

Euler Renato Westphal

Doutor em Teologia pela Faculdades EST, em São Leopoldo, RS, Brasil; professor do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille), em Joinville, SC, Brasil.

Roberta Barros Meira

Doutora em História Econômica, pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil; mestre em História econômica pela mesma instituição; professora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille), em Joinville, SC, Brasil.

Endereço para correspondência

Arlindo Ferretti Junior/ Euler Renato Westphal/ Roberta Barros Meira

Univille - Programa em Patrimônio Cultural e Sociedade

Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial Norte

Bom Retiro 89219-710

Joinville, SC, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.